

PAULO FREIRE E O DIÁLOGO: Interfaces Entre a Saúde Pública e a Educação Escolar

Hedi Maria Luft¹
Daniela da Silva Mota²
Camila Sousa da Silva³

RESUMO

Este estudo trata de compreender as relações humanas nos processos de acolhimento e atendimento na educação escolar e na saúde pública para analisar as várias interfaces da pessoa humana, considerando-a um ser multidimensional. As relações são estabelecidas por e para humanos, e este aspecto precisa ser levado em conta de modo contextualizado, favorecendo perspectivas de impulso e orientação para a construção de práticas humanizadoras. A abordagem metodológica consiste em um estudo qualitativo e utiliza-se da análise de conteúdo sobre duas obras de Paulo Freire (*Pedagogia do oprimido* e *Educação e mudança*), constituindo um *corpus* de análise organizado segundo as categorias *a priori*: a educação escolar e a saúde pública. O estudo enfoca os ganhos alcançados por um grupo de balsenses que, por meio de um projeto realizado em uma escola municipal da zona rural, com vistas à preservação do meio ambiente em parceria com profissionais da saúde, trouxe orientações pedagógicas aliadas às atividades de conscientização junto ao atendimento de saúde sobre as dificuldades de lidar com os resíduos produzidos, destacando o diálogo como método e estratégia de melhor convivência e de vida mais saudável. Delineia-se resultados de uma reflexão que, baseada na pedagogia humanizadora, confere dignidade aos sujeitos e favorece a construção de princípios e o cultivo de valores que desencadeiam outras compreensões promotoras de movimentos de superação de modelos desumanizadores.

Palavras-chave: Diálogo; educação; saúde; humanização.

PAULO FREIRE AND THE DIALOGUE: INTERFACES BETWEEN PUBLIC HEALTH AND SCHOOL EDUCATION

ABSTRACT

This study tries to understand the human relations in the reception and care processes in school education and public health to analyze the various interfaces of the human person, considering him to be a multidimensional being. Relationships are established by and for humans, and this aspect needs to be taken into account in a contextualized way, favoring perspectives of impulse and orientation for the construction of humanizing practices. The methodological approach consists of a qualitative study and uses content analysis on two works by Paulo Freire (*Pedagogia do oprimido* e *Educação e mudança*), constituting a *corpus* of analysis organized according to the *a priori* categories: school education and health public. The study focuses on the gains achieved by a group of balsenses who, through a project carried out in a municipal school in the rural area, with a view to preserving the environment in partnership with health professionals, brought pedagogical guidelines together with awareness activities together to health care about the difficulties of dealing with the waste produced, highlighting dialogue as a method and strategy for better living and healthier life. Outlines results of a reflection that, based on humanizing pedagogy, gives dignity to the subjects and favors the construction of principles and the cultivation of values that trigger other understandings that promote movements to overcome dehumanizing models.

Keywords: Dialogue; education; health; humanization.

ACEITO EM: 5/1/2022

¹ Autor correspondente: Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí). Rua Paraná, Centro – Santa Rosa/RS, Brasil. CEP 98780-184 <http://lattes.cnpq.br/8722880713063414>. <https://orcid.org/0000-0002-9691-1268>. hedim@terra.com.br

² Faculdade de Balsas – Unibalsas. Balsas/MA, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/7810196569893363>. <https://orcid.org/0000-0003-1475-6311>. daniemoota1@gmail.com

³ Faculdade de Balsas – Unibalsas. Balsas/MA, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/0003008185158018>. <https://orcid.org/0000-0002-8638-0504>. camilasousaub@gmail.com

INTRODUÇÃO

Paulo Freire é um dos maiores educadores com influência na educação e na saúde. A educação e a saúde pressupõem formas humanas de interação, pois as práticas profissionais são vinculadas intensamente com pessoas, seja no processo pedagógico de ensinar a ler e escrever, seja no atendimento e acolhimento aos pacientes. Neste sentido, o diálogo tem papel fundamental porque enriquece a convivência humana. Pensar a humanização pressupõe analisar as várias interfaces da pessoa humana, considerando-a um ser multidimensional. Esta pluralidade requer ser reconhecida, respeitada e analisada quando se realiza um processo de ensino e/ou um atendimento. Partimos deste pressuposto, ou seja, que a prática multidimensional e humana é essencial. As relações são estabelecidas por e para humanos e este aspecto precisa ser considerado de modo contextualizado.

Este estudo tem como objetivo principal refletir sobre práticas vivenciadas no contexto da educação escolar e o atendimento na área da saúde pública, destacando a premência de estabelecer interfaces dialógicas entre as diferentes áreas. O problema a ser discutido é a falta de diálogo que, por vezes, observa-se entre os profissionais da educação e da saúde, o que prejudica a prevenção e a preservação do meio, que poderia ser mais bem desenvolvida por intermédio de ações que articulassem as duas áreas diante do mesmo objetivo: garantia de saúde e melhor qualidade de vida da população. Compreende-se que, mediante o diálogo, ambas as áreas conseguem realizar suas atividades levando em conta a característica multidimensional que possui o humano. Como esferas essenciais à sociedade, a análise que aqui se faz demonstra o quanto uma pode contribuir com a outra quando movidas pelo interesse de perceber o humano na sua integralidade, sem perder de vista sua singularidade e incompletude, requerendo, então, dedicação constante ao ato de humanizar. Para uma interpretação da ideia de humanismo relacionada à saúde,

o termo fala do lugar da subjetividade no campo da saúde. Humanização, enquanto tornar humano significa admitir todas as dimensões humanas – históricas, sociais, artísticas, subjetivas, sagradas ou nefastas – e possibilitar escolhas conscientes e responsáveis (MUTTI, 2016, p. 97).

Dessa forma, é essencial “partirmos de que o homem, ser de relações e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo. Estar no mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é” (FREIRE, 2018, p. 55). Assim, pressupõe-se o homem não apenas como ser que se adapta à sua realidade, mas que é dela fazedor, sendo, então, sujeito no mundo. Neste mesmo sentido, entende-se que o homem está constantemente em busca de si mesmo. Freire (2013a) destaca que é em razão da consciência de seu *inacabamento* que o homem se tornou educável, acrescentando, inclusive, que, na própria educação, ele deve assumir o papel de sujeito, deixando de ser objeto dela. Assim, ele vai tornando-se responsável “pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor” (FREIRE, 2018, p. 60). Tais pressupostos trazem relevantes balizas a uma educação na perspectiva humanística.

Neste contexto, assume a educação um papel importante em termos de conscientização e de resignificação do seu papel de sujeito “fazedor” de mundo, uma vez que ele “fará melhor toda vez que, integrando-se ao espírito delas, se aproprie de seus temas fundamentais, reconheça suas tarefas concretas” (FREIRE, 2018, p. 60). Para tanto, discute-se, aqui, uma experiência realizada na escola a fim de mudanças de comportamento em seus alunos, de forma que essa mudança reflita em âmbito maior na sociedade, envolvendo famílias e pessoas próximas, sendo, assim, atitude de preservação à saúde, capaz de trazer resultados significativos.

Ao observar o caminho percorrido pela educação, pode-se perceber que, em grande medida, “as ações docentes significativas movimentam as práticas, as posturas e, conseqüentemente sua formação inicial e continuada mediante a construção de novos conhecimentos, entendimentos e compreensão” (MUTTI, 2016, p. 131). Na relação saúde e educação é possível oportunizar aos sujeitos a ação e a reflexão, e fazê-los entender que são agentes de mudança e transformação.

A mudança é um conceito descrito por Freire (2013b) em seu livro *Educação e mudança*, anunciando as possibilidades de o sistema de ensino favorecer os processos da mudança social. Isto porque, como sujeitos, somos capazes de produzir a nossa história sem imitar outrem, o que pressupõe uma educação libertadora, que Freire (2013a) recomenda em seu livro *Pedagogia do oprimido*, alertando que essa constrói possibilidades para diferentes amanhã. “A luta já não se reduz a retardar o que virá ou a assegurar sua chegada; é preciso reinventar o mundo. A educação é indispensável nessa reinvenção” (FREIRE, 2013a, p. 40). Para, portanto, apresentar de forma visível os conceitos e as ideias estudadas nas obras, consolidam-se as atitudes dos sujeitos quando os modos de vida não apenas mudam, mas se transformam.

Para ilustrar, destaca-se uma experiência desenvolvida em uma Escola Municipal localizada na zona rural do município de Balsas-MA, Brasil, em que se pôde perceber a atuação da escola por meio de um projeto desenvolvido pelos professores de diferentes disciplinas, em parceria com os profissionais de saúde que atendem à região em que está localizada a escola. Todos os envolvidos mobilizam para a preservação do meio ambiente, para as mudanças de comportamento e para as reflexões dessas ações em torno de uma qualidade de vida e saúde pública mais efetiva.

É possível perceber, no projeto e no desenvolvimento das ações, que a educação tem significativo valor, além da função pedagógica, voltada aos ensinamentos de conteúdos científicos e de conscientização e preservação da saúde, com práticas cotidianas de vida mais saudáveis. Educação e saúde, quando abertas ao diálogo, entendendo o humano como sujeito de sua realidade, muito podem fazer não apenas como reparo dos danos, mas como prevenção.

Freire (2013a) sempre defendeu o diálogo com as pessoas simples não só como método, mas como um modo de ser realmente democrático. O que Freire (2013a) considera “como um dos pontos mais radicais e politicamente avançados” é a valorização da cultura

, das memórias, dos valores, saberes, racionalidade e matrizes culturais e intelectuais do povo, contrapondo-se à lógica de que era necessária a inferiorização de uns para garantir a dominação de outros. Na educação, sobretudo, essa radicalidade implica enfrentamentos que são necessários para que a construção se efetive, verdadeiramente, democrática. O diálogo deve ser desencadeado de modo a favorecer que todos possam expressar sua opinião. Entre opressor e oprimido não existe possibilidade de diálogo; apenas aquele que comunica ao outro, em uma relação vertical. O processo de comunicação enraizado, estabelecido de cima para baixo, possui existência histórica reconhecida.

Instaurar o diálogo, entretanto, é algo que demanda aprendizagem de processos construídos coletivamente e, no caso do estudo que se apresenta, insere também a necessidade de um diálogo entre as diferentes áreas do conhecimento, que educam para as mesmas questões da vida humana. Na saúde e no contexto da escola convive-se com a pluralidade sempre, e nenhum espaço compreende a vida exaustivamente; portanto, ao promover modos de atuação articulados, há mais possibilidades de contribuir com a formação de todos. Não há um espaço único em que a humanidade possa pensar em si mesma e construir os melhores caminhos para prosseguir a caminhada por mais justiça social; há necessidade, sim, de, juntos, encontrarmos os modos de promover a consciência de ter hábitos de vida saudáveis e despertar para a construção de uma autonomia responsável capaz de constituir a qualidade de vida. Entende-se, neste sentido, a importância do diálogo e a relação entre as áreas da saúde e da educação, pois trabalham em torno da vida, do ser humano, para que possam contribuir para a formação de sujeitos comprometidos com a cidadania, partindo da valorização dos saberes e do diálogo, compreendendo “o inacabamento do ser humano” (FREIRE, 2013a, p. 50), e, por conseguinte, possam favorecer, por meio do trabalho articulado, a formação da integralidade da vida humana.

Somos seres incompletos, inconclusos. Segundo Gadotti (2019, p. 18), “é por isso que precisamos nos conhecer melhor, conhecer os outros e a natureza, buscando sempre sermos melhores, agir e refletir sobre o que fazemos. É assim que avançamos, coletivamente, construindo nossa própria humanidade”. Justifica-se, por estas questões, a necessidade de os processos de educação e saúde fazerem-se mais articulados, pois isto representa uma forma significativa de contribuir com a conscientização de preservação em nome de todos.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo qualitativo e utiliza-se da análise de conteúdo sobre duas obras de Paulo Freire (*Pedagogia do oprimido* e *Educação e mudança*), constituindo um *corpus* de análise organizado segundo as categorias *a priori*: educação escolar e saúde pública. O estudo enfoca as discrepâncias de uma educação bancária e da educação libertadora, destacando o diálogo como método e estratégia de convivência e de construção de uma vida mais saudável.

A partir do estudo das obras, faz-se uma análise de uma experiência realizada em uma Escola Municipal localizada na zona rural do município de Balsas, no Estado do Maranhão, Brasil. O município possui mais de cem mil habitantes, segundo dados do

IBGE (2018), distribuídos entre a zona rural e a urbana. A região do município de Balsas tem uma história de colonização feita pelos sertanejos vindos de outros Estados do Nordeste e, assim, possui muitas fazendas, tanto de criação de gado quanto em torno da agricultura, principal atividade econômica do município.

A Escola Raimundo Lopes dos Santos fica localizada no Povoado Belo Ares, conhecido, de maneira mais popular, como “Zé do Quelé”, situado a 18 quilômetros da cidade de Balsas. Esta escola atende aos estudantes que moram nas fazendas ao redor daquela região, ofertando os Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental, isto é, do 1º ao 9º anos. O funcionamento da escola se dá da seguinte maneira: no turno matutino com as turmas de 6º a 9º anos e no turno vespertino com as turmas de 1º a 5º anos. O projeto foi desenvolvido no ano de 2019 com as turmas do matutino, sendo, então, alunos do 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental, totalizando 65 alunos, envolvendo, ainda, os professores, coordenação, direção da escola e profissionais da saúde, além de familiares. Considerando, portanto, alunos, familiares e profissionais da educação e saúde, integraram o Projeto mais de cem pessoas.

A Escola Raimundo Lopes dos Santos tem estrutura simples, modesta, mas acompanhada e organizada pelo trabalho dos professores e coordenação bem como dos pais dos alunos, que ajudam em alguns aspectos de manutenção. Como escola do interior, possui um trabalho pedagógico bastante familiar, em que as pessoas se conhecem e fazem parte do mesmo convívio. As crianças deslocam-se até a escola de ônibus, o qual passa nas fazendas, realizando o transporte diário.

No que diz respeito à saúde, vale destacar que neste povoado não há um local próprio, com estrutura física adequada, ao atendimento médico, mas que no prédio da igreja organiza-se, mensalmente, um espaço em que o médico atende à população. Em casos de emergências, os moradores daquele local deslocam-se à cidade para procurar atendimento mais rápido. Dessa forma, por meio da escola é que são organizados e planejados os atendimentos bem como dadas orientações aos familiares dos estudantes e demais moradores.

O projeto justifica-se pela contribuição social e educativa, reconhecendo que práticas desse contexto são criações importantes para incentivar e inspirar novas ações como esta e que podem alcançar resultados que, aos poucos, vão fazendo a diferença não apenas em âmbito local, mas global. Além disso, o planejamento e a execução das atividades do projeto possibilitaram a integração da escola, e, de certo modo, a própria Universidade, com a saúde favorecendo tanto a comunidade acadêmica quanto as pessoas que fazem parte daquela região.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A discussão sobre os conceitos fundantes escolhidos na obra *Pedagogia do oprimido* nos remete a pensar a superação da educação bancária e a anunciar uma pedagogia libertadora, capaz de elucidar a questão de que não existe um processo de educação neutra. Educação ou funciona como um instrumento que é usado para integrar as gerações na lógica do atual sistema e trazer conformidade com ele, ou ela torna-se a “prática da liberdade”, o meio pelo qual homens e mulheres lidam, de forma crítica, com a realidade e descobrem como participar na transformação do seu mundo.

Importa salientar que a obra *Pedagogia do oprimido* foi escrita por Paulo Freire em 1968, enquanto ele, exilado no Chile em decorrência da Ditadura Militar no Brasil, experienciava os reflexos de uma realidade opressora que difundia a cultura do silêncio e intensificava as desigualdades de todas as ordens. Ao avaliarmos o contexto atual, constata-se que as situações de opressão e imposição ainda persistem em muitos espaços, o que torna as concepções freirianas contemporâneas. Na obra *Educação e mudança*, escrita originalmente em espanhol e publicada pela primeira vez no Brasil em 1979, coincidindo com o retorno de Paulo Freire ao país após seu exílio coagido pela ditadura civil-militar brasileira, Freire (2013b) estabelece que o ser humano é o principal responsável pela transformação da sociedade em que vive.

Desta forma, a opção por esse referencial contribui para pensar a superação da educação bancária, uma vez que nesta concepção o sujeito é visto como um alguém vazio a ser preenchido com discursos e orientações prontas. Segundo Freire (2013a), transformar as pessoas em objetos receptores é uma tentativa de controlar o pensamento e a ação, e leva homens e mulheres a ajustarem-se ao mundo, inibindo o seu poder criativo de atuação e participação. A manipulação e a excessiva definição de encaminhamentos sem participação, consomem o que os homens são capazes de construir. No livro *Educação e mudança*, no entanto, Freire (2013b) anuncia uma organização didático-pedagógica que remete à participação corresponsável e reflexiva por meio da definição de palavras geradoras, entendidas como o universo vocabular dos sujeitos. Freire (2013b) propõe, ainda, que esta proposta seja mediada pelo diálogo; um diálogo não apenas como um método, mas como um procedimento para respeitar o saber do outro. Essa prática determina uma escuta atenta para que o dito seja entendido. Assim, esta proposta é uma das estratégias pedagógicas capaz de articular práticas escolares e de saúde pública para avançar na construção de outros modos de vida.

Em *Pedagogia do oprimido*, especificamente no capítulo terceiro, Freire (2013a, p. 79) especificou as condições para o diálogo que, sucintamente, assim se expressam: “o diálogo é uma exigência existencial [...] é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos, endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado [...]”. Neste contexto, destaca-se aqui o projeto “Meio Ambiente: Um por todos... e todos pelo futuro do Planeta”, que surgiu a partir da percepção dos professores da escola de que o comportamento dos estudantes, no que diz respeito à preservação e cuidado com o meio ambiente, mostrava-se displicente, especialmente considerando que a escola é pequena e as pessoas que dela fazem parte são todas daquela região e deveriam cuidá-la como um bem que pertence a todos. Os professores sentiam-se incomodados por pequenas atitudes dos alunos no âmbito da escola, como jogar lixo no chão do pátio, como papel de balas, de suquinho⁴ e de doces, o que, de forma geral, agredia o meio ambiente como um todo.

Outra preocupação, que é geral na escola, é a dificuldade de abastecimento com água potável. A água disponível não é possível de ser consumida em razão de não ser tratada. Por isso, o mesmo ônibus que traz os alunos para a escola traz, também, a água

⁴ Esta é a forma como é chamado, no Maranhão, o sacolé ou geladinho, muito comum durante o intervalo porque a merendeira da escola vende. Então, todos os dias um grande volume desses papéis tinha de ser catado no pátio.

potável mandada por uma família para que alunos e professores possam hidratar-se durante o dia. Mais uma vez os professores e a coordenação da escola percebiam muito desperdício de água, quando alguns alunos enchiam seu copo, mas não tomavam toda aquela água, jogando-a fora logo em seguida.

Em razão desses comportamentos, decidiram fazer o planejamento do projeto voltado ao cuidado com o meio ambiente, buscando conscientizar e, para além disso, instigar ações que pudessem fazer parte do dia a dia de seus alunos a partir do pensar no outro, percebendo o mundo como um bem comum que precisa ser cuidado por todos e individualmente, contribuindo, assim, com o futuro do planeta. Dessa forma, definiram, então, o tema do projeto: “Meio Ambiente: Um por todos... e todos pelo futuro do Planeta”.

Estas inquietações manifestadas pelos professores correspondem a uma visão planetária de educação, em que o pensamento não está voltado apenas para aqueles que estão desfrutando hoje deste local, mas para além da própria existência. Esse entendimento leva a uma reflexão sobre uma dimensão de cidadania: a cidadania planetária. Para Morin (2011, p. 100), “a comunidade de destino planetário permite assumir e cumprir esta parte antropológica, que se refere à relação entre indivíduo singular e espécie humana como todo”. O projeto é pensado para o meio ambiente com o olhar de que o planeta é um bem comum, e, assim, pertence não apenas aos que estão próximos temporal e geograficamente, mas àqueles que estão distantes e também àqueles que ainda virão.

Quando se trata da cidadania planetária com o olhar voltado ao meio ambiente, mais uma vez mostra-se o perigo de um pensamento instrumental, isto porque a concepção planetária requer uma visão complexa, no sentido do que é tecido em conjunto, ou seja, multidimensional. Pensar as decisões e os comportamentos ancorados em uma visão complexa, permite serem observadas mais incógnitas nesta equação, podendo, assim, reduzir os prejuízos em âmbito planetário. Freire (2016, p. 121) considera importante deixar claro aos estudantes que “o regional emerge do local, tal qual o nacional surge do regional e o continental do nacional como o mundial emerge do continental”. Tal ideia mostra-se bem contemplada na escolha do título do projeto desenvolvido pela escola.

Após decidido o tema geral do projeto, os professores definiram o objetivo em torno do qual todos iriam trabalhar: “promover o envolvimento dos alunos, professores e comunidade escolar em defesa à preservação do meio ambiente, compreendendo seus benefícios para uma vida mais saudável”. Como objetivos específicos foram estabelecidos: educar para conquistar um vínculo amoroso com a Terra, não para explorá-la, mas para amá-la; conviver num ambiente agradável onde um possa respeitar o outro e todos respeitem a natureza, garantindo vida saudável e de maior qualidade; compreender o sentido de ser cidadão consciente e participativo nas ações de preservação do meio ambiente e da saúde; repensar e avaliar as atitudes diárias e as suas consequências no meio ambiente em que vivemos.

Nestas premissas que envolvem o projeto pode-se perceber a importância de uma educação, como sugere Freire (2016), que seja problematizadora e não uma educação bancária, uma vez que a educação bancária se pauta apenas na transmissão de um co-

nhecimento acabado, enquanto a educação problematizadora faz-se junto com os estudantes, de forma dialógica, e permite abraçar questões sociais necessárias e relevantes ao contexto em que está sendo construído este conhecimento.

A partir desses objetivos e da temática geral, cada disciplina ficou responsável por pensar uma forma de trabalhar o projeto relacionada ao seu conteúdo, resultando em uma apresentação para o Seminário de encerramento, em que cada turma apresentaria para os demais colegas o resultado do que produziu.

A fim de nortear as discussões, fundamentar a proposta do projeto e a sua interlocução com a área da saúde, os professores resolveram contatar uma equipe da saúde, que faz atendimento do povoado, para uma palestra que falasse da relação da preservação do meio ambiente com a saúde da população. A partir dessa compreensão, consideraram contribuir para a interação e engajamento dos estudantes no projeto, bem como direcionar a informação para alcançar dimensões maiores, podendo serem levadas por eles as discussões apresentadas na palestra.

Foram apresentadas questões como a importância da arborização para o bem-estar e qualidade do ambiente e as formas como elas contribuem para uma boa saúde; questões como a higienização e uma alimentação saudável, o que envolve o investimento em hortas, que poderiam ser produzidas pelos alunos na própria escola, bem como a prioridade por alimentos naturais em detrimento dos industrializados. Destacaram as oportunidades que os estudantes e familiares daquela região possuem por estarem localizados na zona rural, tendo a possibilidade do cultivo próprio de frutas e verduras, o que propicia uma alimentação mais saudável.

É importante destacar que, para além da conscientização e reflexão, necessárias e significativas, o projeto visou a desenvolver ações para que a comunidade escolar pudesse perceber que está ao seu alcance fazer mais por um mundo melhor e por um ambiente mais saudável. Cita-se, por exemplo, que o projeto objetivou, também, estabelecer a diferença entre separar, reciclar e reutilizar; arborizar a escola, proporcionando um ambiente mais agradável para todos da comunidade; valorizar a importância das árvores na escola; obter mudas para o plantio, bem como a produção de uma horta, levando em consideração a necessidade de uma alimentação com mais qualidade, partindo das orientações dadas pelos profissionais da saúde. Essa forma de construção social e de convivência corrobora a pedagogia freiriana de que a educação é um ato político que não pode ser divorciado da vida. Ele definiu este como um princípio fundamental da pedagogia humanizadora.

Importa perceber que professores e alunos devem estar cientes das “políticas” que cercam a educação. A forma como os alunos são ensinados e o que lhes é ensinado serve a uma agenda política. Não há neutralidade! Educação e, especialmente, a pedagogia humanizadora, são instrumentos para a transformação e a superação das *situações-limites* (que são as situações de impotência, e Freire desvela essa compreensão num método criado por ele nos *círculos de cultura*, quando constata que as pessoas mergulhadas em contradições, em uma realidade opressora, se silenciam ante as situações de opressão). Freire (2013b) problematiza essa vivência e desencadeia a produção de situações que revelam que as *situações-limites* impostas são estratégias de dominação. Desvelar essa realidade requer a construção do *inédito viável*. Superar as barreiras

da vida pessoal e profissional e vencer os medos é, claramente, compreender que devemos nos nutrir da inconclusão humana; educar-se é sempre um devenir. Quanto mais *inéditos viáveis* concretizamos, mais estes se estendem e ampliam em outros desejos e outras práticas.

É, portanto, uma pedagogia de ação que, na saúde e na educação, se contrapõe à educação bancária, domesticadora, para mobilizar os pensamentos em prol da reivindicação da vida mais saudável a partir de uma educação problematizadora, libertadora, que se concretiza na ação cultural local. Com estes objetivos do projeto articulado percebe-se a escola em um movimento de tentar fazer com que os estudantes entendam que um mundo saudável e mais agradável, nesse caso mais arborizado, é construído por aqueles que “fazem” o mundo, uma vez que assumem seu papel de sujeitos de construção no mundo em que vivem.

Trazendo, ainda, a importância do diálogo, é necessário este ser enfatizado até mesmo dentro da própria educação. O projeto em estudo envolveu diferentes disciplinas para dar conta de uma situação-problema vivida por aquela comunidade escolar. Tal fato ressalva, também, a necessidade de uma visão integrada e não fragmentada na resolução de problemas. Assim, o projeto envolveu as disciplinas de História, Geografia, Português, Matemática, Ciências, Educação Física, Artes e Inglês. Durante dois meses as disciplinas foram trabalhando em torno do tema, unindo habilidades e competências para a construção de ações pensadas e desenvolvidas pelos estudantes, com a mediação dos professores.

Um panorama geral das atividades desenvolvidas neste período e as que foram apresentadas no Seminário de encerramento, segue especificado no Quadro a seguir:

Quadro 1 – Distribuição das atividades por turma e disciplina

Atividade	Disciplinas envolvidas	Turma
Confeção da logomarca do projeto com alunos	Artes e Português	Todas
Palestra sobre a relação da preservação do meio ambiente com a saúde e qualidade de vida	Palestra desenvolvida pelos profissionais da saúde que atendem a região	Todas
Construção do alfabeto ecológico	Ética, Religião e Geografia	9º ano
Coleta seletiva do lixo/Coreografia	Ciências e Educação Física	9º ano
Montagem de painel/Apresentação do Seminário	Artes, Português	6º ano
Produção de texto	Português, Ética e Religião	7º ano
Teatro	Português, Inglês, Artes	8º ano
Música (paródia)	História e Português	6º ano
Arborizar a escola	Todas	Todas
Plantação de uma horta	Todas	Todas
Apresentação de poesia	História e Português	6º ano
Júri Simulado	Português e Inglês	8ºano

Fonte: As autoras (2020).

A partir do Quadro apresentado pode-se destacar que, de forma geral, as atividades desenvolvidas pelos estudantes, além de não perderem de vista o sentido transversal e o objetivo próprio ao projeto, ainda propiciaram construir ou potencializar diferentes habilidades, como a criatividade, demonstrada de diferentes formas nas apresentações realizadas. Por meio da construção da logomarca do projeto, com descobertas artísticas, além de capacidade discursiva, foi criado o alfabeto ecológico, em que a equipe responsável escreveu todo o alfabeto de forma criativa e, para cada letra, escreveu uma palavra que representasse, de alguma forma, o tema geral do projeto, invocando sempre a relação meio ambiente e saúde.

Quando trabalhado sobre a coleta seletiva, a equipe distribuiu pela escola cartazes informativos e de incentivo à seleção do lixo, mostrando o que pode proporcionar a reutilização para fins de aproveitamento e correto descarte daqueles que não podem ser mais utilizados. Além dessa ação, o grupo apresentou uma coreografia da música “É preciso reciclar”, da Turma da Mônica, que tem como parte da letra “Reciclar o lixo é a solução / Pra acabar de vez com a poluição / O que é reciclado logo se transforma / E a gente reutiliza, mas de outra forma / Plástico vira bola, papel vira sacola / É só ter consciência do que se joga fora”.⁵ Percebe-se aqui uma forma de aprender e ensinar, em que não se deixa de abarcar os conteúdos programáticos, mas também não se faz desligado do mundo da vida dos aprendizes.

Freire (2016, p. 109) assevera que não se deve afirmar: “se sou professor de biologia, não posso me alongar em considerações outras, que devo *apenas* ensinar biologia, como se o fenômeno vital pudesse ser compreendido fora da trama histórico-social, cultural e política”. É importante ressaltar que quando bem-percebida pelos envolvidos a relação do conhecimento com a sua realidade, mais significativo ele se torna. Conforme Gadotti (2019, p. 19), “a educação pode ser formal, pode ser escolar e não escolar, oficial ou não. A escola precisa harmonizar a formalidade com a informalidade”, o que requer uma postura aberta de possibilidades de participação para que as diferenças se manifestem e sejam respeitadas.

Nas apresentações musicais, nos teatros, poesias e paródias, teve destaque a dimensão cultural, pois foi possível perceber a utilização das músicas e formas de apresentações bem características aos costumes e gostos da região em que está inserida aquela comunidade escolar. Como exemplo, segue uma paródia apresentada pelos alunos.

⁵ Música composta por Márcio Araújo e Robson Bala. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/turma-damonica/1000315/>. Acesso em: jul. 2020.

Quadro 2 – Paródia apresentada pelos alunos junto com a professora

<p>Não posso viver bem Não posso sossegar O homem joga esgoto E dejetos no mar A água é preciosa E pode acabar Amigos consciência Vamos preservar</p> <p>Água pra vida é primordial Sem ela tudo deixa de existir Abra o olho contra a poluição Como vai viver a nova geração?</p> <p>É a ambição do capitalismo Mudando clima e tornando chuva escassa É preciso implantar S.O.S Para não haver extermínio em massa.</p>	<p>Os pernilongos passam a noite lhe picando Você não tem mais sono sossegado. Esses transtornos quem provoca é o homem Com um ecossistema desequilibrado</p> <p>Você corre e recorre ao agrotóxico Procurando matar o inseto. Mas uma coisa sabemos que é lógico. Preservar é que é o certo.</p> <p>Cadê a água limpa? Poluição comeu. Cadê a mata atlântica? Poluição comeu. O peixe que é do rio? Poluição comeu. Nem o Chico Mendes sobreviveu.</p>
--	---

Fonte: As autoras (2020).

Além da criatividade e da relação da música com o tema do projeto desenvolvido, nota-se, também, a relação da preservação do meio ambiente com a dimensão saúde. O ambiente em que vivemos é de todos e, segundo Freire (2013a), o homem é um ser capaz de transformar sua história por meio de uma relação dialética vivida na sua inserção na natureza e na cultura. Ao aproximar as áreas, assume-se uma prática de problematização de situações que faz reconhecer que o homem não pode participar ativamente na história, na sociedade e na transformação da realidade se não for ajudado a tomar consciência do seu meio e da sua própria capacidade para transformá-lo (FREIRE, 2013b).

Outro aspecto relevante do projeto foi em relação à plantação da horta. Os estudantes trouxeram informações valiosas oriundas de pesquisas feitas por eles, aprofundando o conteúdo já explicado pelos profissionais da saúde quando da palestra ocorrida na abertura do Projeto. Surgiram temas como os benefícios das diferentes variedades semeadas e plantadas e ainda combinações de como podem ser utilizadas para uma alimentação equilibrada, necessária à saúde e à qualidade de vida.

Imagem 1 – Frente da Escola e parte da arborização realizada pelos alunos



Fonte: As autoras (2020).

A Escola Raimundo Lopes dos Santos está localizada em território bastante seco, onde há dificuldades, especialmente, no período de intenso verão. Como já foi relatado, há problemas com a água, que precisa ser trazida pelos alunos, e também o ambiente muito seco pode provocar baixa umidade do ar, acarretando privação de respiração. Assim, por meio do Projeto, todos os envolvidos dividiram a tarefa de arborizar o pátio da escola, deixando o ambiente mais agradável e mais saudável.

Esta prática revela o quanto a capacidade anunciada por Freire (2013b), em *Educação e mudança*, concretiza-se no contexto da vida vivida por aqueles que, em suas comunidades, em seus espaços, decidem construir um outro mundo possível, articulando as interfaces das aprendizagens viáveis na educação e na saúde.

Este movimento de aprendizagem integrada entre as duas áreas contemplou o que legalmente já estava dito na Lei Orgânica de Saúde (Lei 8.080/1990), que, em seu artigo 3º, determina que “fatores como a habitação, a higienização, o meio ambiente, a educação, transporte, entre outras condições influenciam o estado de saúde-doença” (BRASIL, 2020). Mesmo identificados ganhos e avanços com o Projeto, é possível perceber ainda fragilidades no que diz respeito à integração entre a educação e a área da saúde para a promoção da qualidade de vida das pessoas. Na prática cotidiana observa-se que persiste a concepção de que o atendimento na saúde é apenas para a doença, esperando, assim, formas de remediar, prescindindo da riqueza das ações de prevenção. Neste contexto, é importante considerar que, segundo a mesma legislação, entre as ações que compreendem a função do Sistema Único de Saúde está a colaboração na proteção do meio ambiente. Sabe-se, porém, que a formação dos estudantes não me-

lhora apenas criando novas leis, novos métodos e novas tecnologias; a educação muda quando ela não está dissociada do contexto, quando “o educador [...] habita um mundo em que a interioridade faz uma diferença, em que as pessoas se definem por suas visões, paixões, esperanças e por seus horizontes utópicos” (ALVES, 2016, p. 17). Em nenhum lugar do mundo, portanto, a escola melhorou sem a participação da sociedade. Eis o desafio da educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação favorece atitudes de vida mais saudáveis nos aspectos de convivência humana. É pelo diálogo que se constroem estratégias de uma pedagogia humanizadora, que confere dignidade aos sujeitos, o que favorece a construção de princípios que desencadeiam outras compreensões sobre a realidade.

Os resultados revelam que a educação escolar e a saúde pública têm obrigatoriedade de conexões, ou seja, as interfaces são determinantes na resolução dos problemas. Isto porque, por meio do diálogo das ciências e das pessoas, é possível problematizar a realidade, o que favorece compreendê-la, explicá-la e transformá-la; desafio que superamos ao estabelecer um planejamento articulado entre os conhecimentos das diferentes áreas, constituindo uma prática multidimensional e formando sujeitos integrais; sujeitos que, na educação e na saúde, se constituem pela sua atuação coerente e humanizadora, viabilizando convivências mais harmoniosas.

Conclui-se, aqui, a relevância de se desenvolver práticas sociais articuladas entre diferentes áreas, porque o “Projeto Meio Ambiente: um por todos... e todos pelo futuro do Planeta”, mostra uma experiência que foi possível e exitosa em virtude da intercomplementaridade dos diferentes saberes das áreas, concebendo o humano como sujeito multidimensional. Este é um motivo pelo qual se destaca a necessidade de a educação e a saúde assumirem uma postura crítico-reflexiva em detrimento a uma educação no modelo bancário, em que a comunicação é unilateral, o processo ocorre por meio do depósito e acumulação dos fatos, e em que existe um mundo a ser comunicado ao invés de conhecido.

É por meio da educação escolar e de práticas articuladas com a saúde que as crianças e os jovens têm oportunidades de se aproximar de aprendizagens significativas para uma qualidade de vida ante a complexidade de uma formação integral. É na ação conjunta da educação com a saúde que os profissionais podem desafiar a escola e os conhecimentos nela construídos para práticas de uma vida mais saudável e de cuidado do ambiente.

Aprender significa estar aberto para se relacionar e interagir com o mundo à sua volta. Os profissionais, ao considerarem a particularidade de cada estudante na construção da sua aprendizagem, conhecendo as múltiplas formas pelas quais eles aprendem, favorecem a construção do protagonismo, sendo sujeitos ativos e construtores de seu próprio mundo, envolvidos na construção de uma sociedade humanizada e humanizadora.

Finalizamos esta reflexão com os versos que foram escritos pela professora Nazaré, que viveu junto com a escola toda esta experiência e parece resumir, na simplicidade e riqueza das rimas, muito do que foi discutido até aqui, sem deixar de, também, abrir caminhos para a continuidade desse diálogo, para que, assim, novas conversas se iniciem.

Por meio desse projeto.
Nesse mundo infantil
Com atividades lúdicas
De forma prática e sutil.
O cuidado com o meio ambiente
Toda criança ali viu.
E uma nova mentalidade.
Logo ali surgiu.

Um cidadão planetário.
Se forma nessa idade.
Preservar a natureza
E sua diversidade
O cuidado com a casa comum
Deve ser nosso legado
Ocupar pauta de destaque
Em nossas atividades.
(Professora Maria de Nazaré, 2019)⁶.

Enfim, destaca-se que educar de forma indissociada privilegia uma formação mais humana e, conseqüentemente, uma sociedade mais justa, no sentido de aferir espaço para que todos tenham uma vida saudável, ou seja, uma vida boa, plena.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. *Para quem gosta de ensinar*. Campinas, SP: Papyrus, 2016.
- BRASIL. *A Lei Orgânica de Saúde* (Lei 8.080/1990). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8080.htm. Acesso em: 12 ago. 2020.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013a.
- FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013b.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 43. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.
- GADOTTI, Moacir. *A escola dos meus sonhos*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2019.

⁶ A autora, professora Maria de Nazaré, autorizou a utilização dos versos por ela elaborados neste estudo.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo 2018*. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=ibge+2018+censo+populacional+de+balsas+maranhao&oq=ibge+2018+censo+populacional+de+balsas+maranhao&aqs=chrome..69i57.15514j0j15&sourceid=chrome&ie=UTF-8>. Acesso em 19 ago. 2020.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes essenciais à educação do futuro*. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2011.

MUTTI, Maria do Carmo da Silva. *Pedagogia hospitalar e formação docente: a arte de ensinar, amar e se encantar*. Jundiá: Paco Editorial, 2016.